Apresentação

Levando-se em conta os dados levantados nas seis maiores regiões metropolitanas do país pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, o destaque da evolução do mercado de trabalho, de maio até agosto deste ano, é, sem dúvida, a relativa estabilidade de seus principais indicadores, quando vistos em termos dos resultados que apresentaram ao final do período considerado. Esse comportamento das diferentes variáveis, quando analisadas em termos do seu desempenho médio no quadrimestre, oculta, contudo, importantes oscilações havidas ao longo desses quatro meses, em particular as verificadas com o nível de ocupação. Nesse sentido, o vigoroso crescimento da demanda por trabalho ocorrido nos meses de maio e junho, apesar de não ter provocado uma alteração expressiva no quadro do emprego, em decorrência da inflexão que aconteceu em julho, serviu não só para afastar - ainda mais - os temores suscitados pela crise cambial e pelo programa de ajuste, mas foi capaz, inclusive, de gerar expectativas positivas quanto à possibilidade de se entrar em um novo ciclo de crescimento do nível de ocupação, em função das novas realidades macroeconômicas vividas pelo país. Nesse contexto, a taxa de desemprego apresentou um descenso suave porém nítido, auxiliado que foi pelo baixo dinamismo da oferta de trabalho.

Contudo, para que o ocorrido nesses meses prossiga e se consolide numa trajetória sustentada de queda da taxa de desemprego, ressalvada - naturalmente - a sua sazonalidade, torna-se necessário que, além da retomada do nível de atividades, a ser garantida pelas novas orientações da política econômica (câmbio, taxa de juros), também sejam implementadas medidas voltadas especificamente para a revitalização do mercado de trabalho. A seção Opinião dos Atores deste Boletim traz, a propósito, a discussão sobre um dos mais importantes mecanismos já criados no país na área das políticas públicas de emprego: o PROGER – Programa de Geração de Emprego e Renda.

A seção é aberta com a opinião do ator governamental, Beatrice Valle, do Ministério do Trabalho e Emprego, que, apresentando alguns dados da pesquisa feita pelo IBASE sobre o desempenho do PROGER, traça um quadro bastante positivo do Programa, ainda que apontando a existência de várias providências capazes de potencializar a sua eficácia. Sob a ótica do setor empresarial, Joseph Couri, do SIMPI-Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo, identifica no PROGER, além de seus benefícios intrínsecos, um importante subproduto, constituído pelo desenvolvimento da capacitação empresarial dos micro e pequenos empreendedores. Na perspectiva acadêmica, a partir de pesquisa análoga à realizada pelo IBASE e considerando a realidade do PROGER em Pernambuco, uma equipe do PIMES/UFPE liderada por Tarcisio de Araujo traz dados que de certa forma relativizam o panorama apresentado anteriormente pelo ator governamental, construindo um interessante contraponto capaz de instigar de forma saudável o aprofundamento dessas análises críticas. No que diz respeito aos pontos de vista em comum, ressalta, em ambos, a opinião de que as Comissões Estaduais e Municipais de Emprego são estratégicas para o êxito do Programa no meio urbano, indicando a necessidade das mesmas assumirem um protagonismo que vai muito além das limitadas intervenções que hoje, com honrosas exceções, caracterizam a sua atuação. Fechando esta seção, Alberto Brochi da CONTAG analisa, sob a ótica dos trabalhadores rurais, o PRONAF, apontando a sua enorme importância para a pequena agricultura, principal produtora de alimentos, o que torna ainda mais crucial o relativamente baixo grau de sua cobertura, face às necessidades do conjunto da agricultura familiar.

Este número do Boletim encerra-se com duas Notas Técnicas. Na primeira, Carlos Alberto Ramos e Ricardo Santana procuram, numa perspectiva empírica, avaliar em que medida é a quantidade ou a qualidade dos postos de trabalho a variável mais relevante para explicar os elevados níveis de pobreza e o grau de desigualdade prevalecentes na economia brasileira. Regis Bonelli é o autor da outra Nota Técnica, onde, partindo de uma abordagem dos processos de desconcentração espacial da indústria, são questionadas, com a utilização de dados da RAIS, as estimativas correntes relativas à evolução da produtividade industrial.